Liberdade de Pensamentos Pecaminosos

[Freedom fromSinful Thoughts | Em Português] | "Traduzido com Chat GPT"

J. Heinrich Arnold Prefácio por John Michael Talbot

Se alguém tem sede,

venha a mim e beba.

Se alguém crê em mim...

rios de água viva fluirão

de dentro de seu corpo.

- Jesus de Nazaré

CONTEÚDO:

- Ao leitor

- Prefácio

1. A Luta

2. Tentação

3. Pecado Deliberado

4. A Vontade

5. O Poder da Sugestão

6. Auto-sugestão

7. Fascinação

8. Supressão

9. Fé

10. Autorenúncia

11. Confissão

12. Oração

13. Desapego

14. Arrependimento e Renascimento

15. Cura

16. Purificação

17. A Cruz

18. Vivendo para o Reino

- Sobre o Autor

Ao Leitor

Johann Christoph Arnold

Embora já tenham se passado vinte e quatro anos desde a publicação do primeiro livro do meu pai, "Liberdade de Pensamentos Pecaminosos", lembro-me da ocasião vividamente. Ele havia trabalhado no livro por meses e, mesmo sendo um pequeno volume fino, muito amor, energia e reflexão foram investidos nele. Eu já havia trabalhado com ele no ministério por dois anos, mas o projeto de juntar o

livro cimentou nossa relação de uma maneira maravilhosa.

Uma coisa sempre pareceu preocupar meu pai de maneira especial: a tarefa pastoral de aconselhar, confortar e encorajar membros da comunidade que estavam passando por uma luta ou momento difícil. Para ele, "Liberdade de Pensamentos Pecaminosos" era um livro que precisava ser escrito: ele havia visto muitas pessoas cujas lutas arrastavam-se em frustração ou desespero intermináveis, e ele queria compartilhar sua convicção de que havia uma saída.

Mesmo antes de o livro ser impresso, encontrou um eco surpreendente entre os leitores. Usando o manuscrito inacabado como esboço, ele realizou uma série de palestras sobre a luta por um coração puro. A resposta foi inesperada: cartas inundaram seu escritório e logo ficou claro que mesmo que esse não fosse um tópico de conversa, certamente era uma preocupação generalizada, não apenas entre os crentes novos ou mais jovens, mas entre cristãos maduros e comprometidos também.

Uma vez publicado, o fluxo de cartas aumentou ainda mais. Estranhos e detentos escreviam, dizendo ao meu pai que o livro tinha sido um ponto de virada em suas vidas ou que tinha dado a eles nova coragem. Mais de uma pessoa afirmou que a leitura do livro havia salvado sua vida de cometer suicídio. E o livro vendia, sem alarde, mas constantemente - ano após ano.

Meu pai morreu em 1982 e, nos anos seguintes, muitos materiais não publicados vieram à luz e foram disponibilizados: fitas, transcrições, notas, esboços e volumes e volumes de cartas. Se esta nova edição parecer irreconhecível para os leitores familiarizados com a primeira edição, é porque o texto original foi reorganizado e ampliado em grande escala para fazer uso dessas fontes.

O cerne do livro - a insistência do meu pai de que Cristo traz alívio para a luta, cura para as feridas do mal e liberdade da escravidão do pecado - permanece inalterado. Freedom from Sinful Thoughts contém insights significativos sobre uma luta universal e crucial, em uma linguagem simples o suficiente para qualquer pessoa entender. Mais do que isso, ele oferece a promessa de uma nova vida aos leitores cujo auto-interesse, pecados secretos e sentimentos de culpa ou medo bloqueiam suas orações e os impedem de amar a Deus e ao próximo com um coração livre e indiviso. Em um mundo que muitas vezes parece escuro o suficiente para fazer alguém desesperar, ele carrega uma mensagem de alegria e esperança.

Prefácio

John Michael Talbot

A tradição cristã está repleta de sabedoria sobre o manejo de pensamentos e emoções, e Freedom from Sinful Thoughts de J. Heinrich Arnold é um maravilhoso exemplo. De maneira semelhante a Santo

Agostinho no Ocidente e os pais monásticos do Oriente, Arnold confronta as realidades da batalha contra a tentação e o pecado a partir de sua própria tradição comunitária. Seus insights são honestos e realistas, mas estão impregnados de uma fé inabalável no poder do Espírito para renovar e transformar.

Somos o que pensamos. É por isso que nunca devemos subestimar o que permitimos entrar em nossas mentes. É por meio de pensamentos que os espíritos do mal travam uma guerra secreta na alma. Assim, o bispo Maximus do século V nos adverte: "Assim como é mais fácil pecar na mente do que na ação, a guerra através de nossas imagens conceituais apaixonadas das coisas é mais difícil do que a guerra através das coisas em si".

Jesus diz: "Do coração é que saem os maus pensamentos". Ele também diz: "Onde estiver o seu tesouro, aí estará também o seu coração". Para muitos de nós, incluindo aqueles que se chamam cristãos, nossos pensamentos ou fantasias privadas são o nosso tesouro. Não queremos pecar, mas também não queremos desistir de nossas fantasias privadas. No entanto, é precisamente em nossa vida mental que a luta entre o bem e o mal é ganha ou perdida. O apóstolo Paulo entendia isso e escreveu: "Transformem-se pela renovação da sua mente, para que possam experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Rm 12,1-2). Para Paulo, a transformação de nossas ações começa com a transformação de nossos pensamentos - isto é, a liberdade dos pensamentos pecaminosos é fundamental para a liberdade em Cristo.

A atenção de Arnold aos pensamentos pecaminosos deve ser vista nesse contexto maior de transformação. Não se trata de uma preocupação mórbida com a perfeição. Todos nós lutamos com imagens e pensamentos indesejados. Mas, como Arnold nos assegura, pensamentos tentadores não são em si mesmos pecaminosos. É o que fazemos com eles que importa. Tiago diz: "A paixão, uma vez concebida, dá à luz o pecado". Portanto, a questão é: nutrimos os pensamentos maus que nos vêm, demorando-nos neles e alimentando-os, ou os enfrentamos como em uma batalha e lutamos para superá-los em Cristo?

É Cristo quem quebra sozinho a maldição do pecado. É ele quem dá significado à luta - pois ele é o propósito e objetivo de todo nosso esforço. Portanto, Agostinho escreve: "Cantemos aleluias aqui na terra ... mesmo aqui, em meio a provações, tentações e ansiedades ... não para desfrutar uma vida de lazer, mas para aliviar nossos trabalhos." É louvando a Deus em meio à tentação que seremos libertados da opressão em nossas almas.

No final, nossa luta é uma alegria. Mesmo quando falhamos - e falharemos - temos a garantia de que o governo de amor de Deus é maior do que nossos corações e mentes. Além disso, podemos ter, como Arnold nos exorta, "confiança absoluta em Jesus, de forma que mesmo que ainda não sintamos nada,

nos entregaremos completamente e sem reservas a ele com tudo o que somos e temos ... Então ele nos dará perdão, purificação e paz de coração; e estes levam a um amor que não pode ser descrito."

Ser libertado de pensamentos pecaminosos é um grande presente, um presente do amor de Deus que todo leitor pode experimentar ponderando a sabedoria deste livro. Sem isso, ficamos flutuando na frustração. Com isso, somos mais do que vencedores.

Eureka Springs, Arkansas.

1. A Luta

O PROBLEMA dos pensamentos pecaminosos preocupa todo crente em algum momento. Para o homem ou mulher que é repetidamente afligido por sentimentos ou imagens indesejados, no entanto, é um fardo especial. Cada ideia pressiona por realização, e isso é uma maldição se a ideia é má. Eu conheço pessoas que, quando aflitas por um desejo ou ideia maligna, prefeririam morrer a permitir que se tornasse realidade - e ainda assim essa determinação parece incapaz de poupar-lhes a luta; é como se fossem perseguidas pela ideia. Com alguns, é uma questão de inveja, malícia ou desconfiança; com outros, fantasias sexuais; com outros ainda, ódio, blasfêmia ou até mesmo assassinato.

Duvido que alguém possa realmente explicar o que acontece em seu próprio coração. Somente Deus conhece o estado de cada alma. Mas sabemos que, de acordo com o Evangelho, "os pensamentos maus procedem do coração" e que também diz: "Bem-aventurados os puros de coração". Estas simples palavras de Jesus são fundamentais para entender este livro.

Já aconselhei muitos homens e mulheres que têm medo de admitir que lutam com pensamentos indesejados; eles pensam que são os únicos afligidos por tais coisas. Na verdade, em certo sentido, todos nós temos uma natureza má. Todos nós podemos, em algum momento de nossas vidas, sucumbir ao diabo, que não é apenas uma ideia abstrata, mas uma força real do mal que ataca cada pessoa em seu ponto mais fraco. Uma vez que o diabo conquista um lugar em nosso coração, o mal que toma raiz lá pode levar a palavras, que por sua vez levarão a ações.

Como criança crescendo na Alemanha na década de 1920, ouvi comentários odiosos contra os judeus, especialmente no Gasthaus do outro lado da rua da casa dos meus pais. A maioria das pessoas na aldeia ignorava o anti-semitismo, mas meu pai protestava veementemente: "Pode ser apenas conversa maliciosa agora, mas levará a atos malvados. Um dia eles farão mesmo o que dizem." E eles fizeram.

Algumas pessoas são tão frequentemente assaltadas por pensamentos maus que vivem em tormento. Eles também devem confiar que Deus vê mais profundamente no coração. Certamente Deus reconhece que, apesar do nosso imaginário vacilante, nosso coração mais íntimo não quer os pensamentos malignos que nos afligem. E se ainda ficarmos inseguros até sobre isso, podemos nos confortar com as palavras do místico do século XIII Eckhart, que escreve: "Para ser inflamado pelo amor de Deus, você deve ansiar por Deus".

Se você ainda não consegue sentir esse anseio, então anseie pelo anseio". Claramente, qualquer anseio pela pureza, por mais novo ou indefinido que seja, é o início do trabalho de Deus no coração.

Há, é claro, uma diferença significativa entre deliberadamente entreter pensamentos malignos e lutar contra eles. Eu aconselhei pessoas que se sentiam tão perseguidas por pensamentos ou desejos indesejados que me disseram que dariam a volta ao mundo, se pudessem, para se livrar deles. Eles dariam qualquer coisa para encontrar paz de espírito e um coração puro.

Essa determinação é boa, mas é importante reconhecer ao mesmo tempo que não podemos nos libertar por nossa própria força. A luta entre o bem e o mal não é apenas algo "na mente", mas uma batalha de proporções cósmicas entre o pecado, que Paulo chama de "outra lei que atua nos membros da nossa carne", e o Espírito. Para vencer essa luta, é preciso ter fé em Jesus, que nos promete a vitória "onde dois ou três se reúnem em meu nome".

Muitos cristãos não acreditam na realidade dessa luta, muito menos na realidade do mal. Este livro não será útil para eles. Pelo contrário, é destinado àqueles que conhecem o pecado, que procuram sinceramente ser libertados do seu peso e que anseiam pela pureza do coração.

2. Tentação

ONDE TERMINA a tentação e começa o pecado? Se somos atormentados ou tentados por pensamentos maus, isso em si não é pecado. Por exemplo, se nos sentimos tentados a retaliar contra alguém que nos fez mal, mas depois encontramos força para perdoá-lo, não pecamos. Mas se nos recusamos a deixar de lado nossa dor e guardamos rancor contra ele, isso é pecado. Da mesma forma, se somos excitados por um pensamento luxurioso, mas o rejeitamos, não pecamos. Naturalmente, é muito diferente se buscamos voluntariamente esse pensamento, por exemplo, comprando uma revista pornográfica.

Sempre é uma questão do que fazemos quando a tentação chega. Martinho Lutero escreveu certa vez que os pensamentos maus vêm como pássaros voando sobre nossas cabeças. Não podemos evitar isso. Mas se permitimos que eles construam ninhos em nossas cabeças, então somos responsáveis por eles.

Nunca seremos completamente livres da tentação; nem mesmo devemos esperar isso. Até Jesus foi tentado. Satanás veio até Ele no deserto disfarçado como um anjo e usou palavras da Escritura para tentá-lo - e somente após a terceira tentação é que Jesus o reconheceu e disse: "Vá embora, Satanás! Pois a Escritura diz: ‘Adore o Senhor, seu Deus, e sirva somente a Ele’". Quando o diabo percebeu que havia sido reconhecido, deixou Jesus; e então os anjos vieram a Ele e lhe trouxeram comida (Mt. 4:10-11).

Em algum momento, a ideia de Jesus ser tentado como um ser humano comum parecia blasfêmia para

mim. No entanto, não há dúvida: ele foi tentado, embora nunca tenha pecado. Isso é de crucial importância, em primeiro lugar, para nossa vida interior, mas também na forma como tratamos os outros que lutam contra tentações graves:

"Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que pela morte derrotasse aquele que tem o poder da morte, isto é, o diabo, e libertasse aqueles que durante toda a vida estiveram escravizados pelo medo da morte. Pois, decerto, não é a anjos que ele presta socorro, mas sim à descendência de Abraão. Por isso, ele tinha que ser feito semelhante a seus irmãos em tudo, para se tornar sumo sacerdote misericordioso e fiel em relação a Deus e fazer propiciação pelos pecados do povo. E, porque ele mesmo sofreu ao ser tentado, é capaz de socorrer aqueles que também estão sendo tentados" (Hb. 2:14-18).

O escritor da Carta está tão preocupado em deixar isso claro para o leitor, que ele repete novamente no capítulo 4, versículo 15:

Não temos um sumo sacerdote que não possa se compadecer das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.

Jesus nunca pecou. Mesmo na batalha mais severa de sua vida - no Getsêmani, onde ele deve ter lutado contra forças das trevas além do nosso poder de imaginar, com exércitos inteiros de espíritos malignos lutando por seu coração - ele nunca se desviou de seu amor pelo Pai. Ele permaneceu obediente e leal.

Para nós, a luta contra as trevas em nossos corações continuará enquanto vivermos. Essa é a amarga verdade, e isso significa que nunca podemos vencer o mal que nos cerca com nossa própria força. A questão não se trata apenas de pensamentos, sentimentos ou imagens, mas de espíritos em guerra - Paulo os chama de "poderes, autoridades e potestades das trevas". Precisaremos orar pela proteção de Deus repetidamente; e quando as tentações vierem apesar de nossas orações, teremos que pedir uma resposta a cada uma delas. No entanto, não há motivo para desespero:

Nenhuma tentação os assolou que não fosse comum aos homens. E Deus é fiel, e ele não permitirá que sejam tentados além do que podem aguentar, mas com a tentação ele também preparará um caminho de fuga para que possam suportá-la (1 Coríntios 10:13).

Nenhum de nós jamais terá que enfrentar uma batalha tão desesperada como a que Jesus lutou por nós na cruz. Nessa luta, Ele assumiu todo o peso de nossa condição, incluindo a tentação, para nos redimir. A tentação não é pecado.

3. Pecado Deliberado

É UMA coisa ser atormentado por ideias ou imagens que não desejamos, mas completamente diferente buscar intencionalmente essas coisas. Pessoas que deliberadamente assistem a filmes violentos ou leem literatura pornográfica pelo prazer que isso lhes proporciona não estão apenas

lutando contra a tentação; estão pecando. Estou pressupondo, no que escrevo, que o leitor não deseja aquelas coisas que ele sabe serem más!

Quando voluntariamente entretemos um pensamento maléfico, estamos brincando com forças das trevas cujo poder podemos não estar cientes. É fácil (e comum) descartar essa ideia; as pessoas dizem: "Não prejudica ninguém, não é?" ou "É tudo na sua cabeça..." No entanto, há uma razão para o ditado "Os pensamentos são gigantes" - eles pressionam em direção à realização concreta e, se forem pensamentos malignos, levarão a ações malignas. Como Tiago escreve, "A tentação surge quando alguém é seduzido e levado pela sua própria concupiscência; então a concupiscência concebe e dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte" (Tg 1:14-15).

Um horror como o genocídio não acontece da noite para o dia; é o fruto do mal que começa na mente. O Holocausto, por exemplo, foi precedido por séculos de preconceito e difamação, sem mencionar os pogroms e outras formas de perseguição. Os distúrbios que varreram as grandes cidades dos Estados Unidos na década de 1960 também foram o resultado de ódios raciais latentes que persistiram por centenas de anos. Estudo após estudo mostrou uma ligação entre crimes sexuais violentos e os filmes que os perpetradores confessam ter assistido anteriormente. Tais "crimes imitadores" mostram de forma mais flagrante do que qualquer outra coisa que os atos mais hediondos têm sua raiz no coração e na mente.

Como um jovem, eu conhecia alemães que eram bastante inofensivos antes da ascensão do nazismo - pessoas "normais" com "bons" caracteres - mas que depois foram dominados e impulsionados por um espírito do mal. E mesmo que houvesse muitos que morreram protestando contra esse mal, a maioria cedeu voluntariamente a ele, seja se tornando participantes ativos no assassinato em massa dos judeus, ou apoiando Hitler de outras maneiras, mesmo que apenas com indiferença silenciosa. Não se tratava apenas de alguns homens governando uma nação: milhões de pessoas se submeteram voluntariamente a forças de trevas demoníacas.

Na maioria das vezes, é claro, o pecado deliberado ocorre em um nível mais pessoal. Uma área de preocupação especial para mim como pastor é o ocultismo, com o qual me deparei muitas vezes em meu trabalho de aconselhamento. O ocultismo frequentemente é considerado apenas mais uma ciência a ser estudada. No entanto, formas supostamente inofensivas de espiritualismo, bem como práticas supersticiosas como usar anéis de saúde, virar mesas ou falar com os mortos, podem ligar uma pessoa a forças demoníacas mesmo quando entradas inocentemente. Eu firmemente acredito que devemos rejeitar completamente essas coisas. Elas não têm nada a ver com uma fé infantil em Jesus.

Eu sei que existem pessoas que estudam o mal - pessoas que tentam descobrir suas raízes e que tentam desenterrar os segredos de Satanás. Isso pode ser compreensível, mas é divino? Parece-me que muitos homens e mulheres em nossa sociedade já estão sobrecarregados pelo que sabem sobre assassinato, fornicação e outros pecados.

Outros flertam voluntariamente com o mal em nome de experimentação. Essas pessoas tentam, na verdade, entender seus argumentos; elas afirmam rejeitar a escuridão, mas ao brincar com ela, são agarradas mais firmemente pelo seu poder do que percebem.

Enquanto nos permitirmos a brecha da indecisão - enquanto dermos mesmo um pouco de rédea solta ao mal em nossos corações e não nos afastarmos completamente dele, nunca seremos totalmente livres; ele continuará exercendo poder sobre nós. Não estou falando apenas do ocultismo aqui, mas de tudo o que é contrário a Deus: ciúmes, ódio, luxúria, o desejo de poder sobre outras pessoas e todos os outros pecados. Enquanto deliberadamente mantivermos mesmo uma pequena parte de nossos corações contra a intervenção de Deus em nossas vidas, nos afastamos da misericórdia que Ele nos oferece através de Jesus.

Certamente, uma alma dividida deve ser tratada com compaixão - Jesus mesmo diz que não "quebrará uma cana rachada" nem "apagará um pavio fumegante". Mas também está claro, acredito, que no final ele não pode tolerar nada que entristeça o Espírito Santo. Jesus foi e é totalmente vitorioso sobre o diabo e seus demônios, e ele exige nosso serviço de todo coração na luta contra eles também.

4. A Vontade

EM UMA LUTA contra a tentação, o que podemos fazer para apagar a nuvem de mal que obscurece nosso olhar interior, ou trazer para foco o amor de Deus que buscamos? No ringue de boxe ou na rua, o homem de vontade forte pode ser o vencedor; no entanto, na luta do coração humano, o poder da vontade pode não ter nada a ver com o resultado de uma batalha.

É impossível vencer nossa natureza pecaminosa apenas com força de vontade, porque a vontade nunca é completamente livre, mas é inclinada para cá e para lá por emoções conflitantes e outras forças que atuam sobre ela. Em uma luta interior, como dizem os filósofos alemães, ela se torna especialmente verkrampft ou "restrita", e recorrer a ela pode não ser de nenhuma utilidade. Na verdade, isso pode acabar enraizando em nossa mente o próprio mal contra o qual estamos lutando para superar, ou até mesmo levá-lo ao ponto de se tornar realidade. Nas palavras do psiquiatra suíço-francês Charles Baudouin:

Quando uma ideia se impõe à mente...todos os esforços conscientes que o sujeito faz para contrariá-la não apenas não têm o efeito desejado, mas realmente vão na direção oposta e a intensificam...com o resultado de que a ideia dominante é reforçada.

Paulo escreve conscientemente sobre o problema:

Eu não entendo o que faço. Pois o que faço, não o desejo; mas o que eu detesto, isso faço... Tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não consigo realizá-lo... (Romanos 7:15-17).

Talvez seja útil aqui distinguir entre a vontade e o anseio mais profundo e essencial do nosso coração: a consciência. Enquanto a vontade reage à tentação tentando inibir a imaginação e o desejo, a consciência (os primeiros Quakers a chamavam de "luz interior") nos direciona para a verdadeira pureza de coração. Ela é um guia nas recessões mais íntimas da alma, onde o próprio Cristo habita. E quando ela assume o controle, as piores tentações podem ser superadas.

Ao examinar a guerra entre essas duas "vontades", surge naturalmente a pergunta: De onde vem todo

esse mal indesejado? A única resposta é admitir que o mal vem de nossos corações. (Não quero negar que frequentemente somos atacados pelo mal - apenas quero alertar que enfatizar o papel do diabo pode ser prejudicial. No final, cada um de nós deve assumir a responsabilidade por nossos pensamentos e ações.) Quando reconhecemos isso, não é difícil entender por que somos incapazes de superar pensamentos malignos apenas com nossa própria força de vontade, e humildemente admitiremos que não podemos purificar nossos corações com nossa própria força.

Novamente, enquanto tentarmos conquistar o mal apenas com a pura força de vontade, o mal prevalecerá sobre nós. Para citar o colega de Baudouin, Emil Coué, "quando a vontade e a imaginação estão em guerra, a imaginação sempre ganha a vantagem". No entanto, assim que dermos ouvidos a esse desejo interior mais profundo do coração, que clama por Jesus, o mal em nós recuará. E se confiarmos nessa vontade mais profunda e orarmos, "Não a minha vontade, mas a tua vontade, Jesus: tua pureza é maior do que minha impureza; tua generosidade vencerá minha inveja; teu amor triunfará sobre meu ódio", ele gradualmente diminuirá por completo.

Devemos acreditar: Jesus realmente é fiel a nós, mesmo que sejamos infiéis, e ele não é um Salvador distante que desce de cima, mas um homem que, como Paulo escreve, morreu na cruz "em fraqueza humana" e agora vive "pelo poder de Deus":

> Nós também somos fracos assim como Ele foi; mas ao compartilharmos isso com Ele, seremos preenchidos com vida pelo poder de Deus, e vocês experimentarão isso!
>
> Cuidem para que vocês estejam vivendo a vida da fé; coloquem-se à prova! Ou vocês não percebem que Jesus Cristo vive em vocês? Caso contrário, vocês não seriam genuínos na sua fé. Que sejamos genuínos e tenhamos sido aprovados no teste, eu espero que vocês venham a perceber. Mas oramos a Deus para que Ele possa protegê-los de todo mal. Não estamos preocupados em nos justificar, mas sim que vocês façam o que é certo, mesmo que possamos parecer desacreditados. Pois não temos poder para agir contra a verdade, apenas a favor dela. Certamente nos alegramos se somos fracos e vocês são fortes. E minha oração a Deus é que vocês permitam ser colocados de volta no caminho certo (2 Coríntios 13:4–9).

5. O Poder da Sugestão

POUCO TEMPO depois da morte de meu pai, encontrei em sua biblioteca um volume antigo e amarelado de Baudouin (veja a página 13 acima), Suggestion und Autosuggestion, para o qual muitas vezes recorri ao lidar com toda a questão de pensamentos opressivos. De acordo com Baudouin, a sugestão pode ser brevemente definida como a força que pressiona uma ideia em direção à realização por meio de sentimentos e imagens que entram no subconsciente de uma fonte externa:

> *A ideia de um prazer ou uma dor, a ideia de um sentimento, tende a se tornar esse mesmo prazer, essa*

dor ou esse sentimento... A visão do sol, que desperta o pensamento de calor, é suficiente para dar a sensação de calor também; em contraste, a visão da neve e a leitura de um termômetro externo despertam a ideia de frio.

O poder da sugestão atua sobre nós todos os dias e a todo momento: cada um de nós está sujeito às influências daqueles com quem vivemos e trabalhamos, por exemplo. Também há a força mais sutil - mas igualmente poderosa - da sugestão por meio de objetos inanimados: os livros, revistas e jornais que lemos, os programas e filmes que assistimos, a música que ouvimos, os anúncios e comerciais que nos bombardeiam diariamente.

Obviamente, a sugestão pode ser uma força positiva, bem como negativa. No entanto, no que diz respeito à luta contra pensamentos indesejados, é importante reconhecer o quanto ela pode trabalhar poderosamente contra a voz da consciência. Em um nível mais amplo, seu poder negativo é evidente nas posições contemporâneas sobre questões divisivas, como aborto e homossexualidade, e também nas atitudes da nossa sociedade em relação à violência. Muitas vezes, essas coisas despertam sentimentos tão fortes nas pessoas que se torna impossível falar sobre elas de forma objetiva. Como seria diferente se cada um de nós buscasse em nosso próprio coração essas questões importantes, em vez de nos deixarmos influenciar pelo que a mídia ou os especialistas dizem!

O espírito do tempo é mais visível, talvez, na assustadora falta de vergonha que marca a nossa era. Isso se manifesta na vestimenta, literatura, arte e música - por meio de suas expressões de desunião interna e separação do Criador, e pelo apelo aos instintos humanos mais baixos. Em um nível mais profundo, também pode ser visto em outros lugares: na corrupção governamental e corporativa, na desintegração da família e dos relacionamentos pessoais, nas escolas e universidades, nos meios de comunicação de massa, nos campos da medicina e do direito, e pior de tudo, no vazio e na hipocrisia do alimento espiritual oferecido por tantas igrejas.

A postura de Jesus diante de tudo isso é clara: ele condena o "espírito da época" e o expõe como o espírito de Satanás, o "acusador de nossos irmãos" e o "assassino desde o princípio". E ao fazer isso, ele nos chama a nos perguntar: "Onde, em meio a toda a divisão e barulho de nosso tempo, está a voz tranquila de Deus?"

6. Auto-sugestão

EM CONTRASTE com a sugestão, a auto-sugestão é "a liberação de um poder reflexivo da imaginação de dentro em resposta a influências externas" (Baudouin).

A auto-sugestão pode parecer uma força positiva e, na medida em que nos ajuda a substituir imagens mentais "boas" por "ruins", é. No entanto, em minha experiência, muitas vezes não é tão simples. Às vezes, o próprio medo de uma ideia maligna desencadeia essa ideia e a traz à tona. Isso também é auto-sugestão. Dessa forma, mesmo contra nossa vontade, podemos nos colocar em um estado terrível de tensão interna a ponto de não ver mais uma saída e perder de vista não apenas Deus, mas até

mesmo nossa própria resolução de superar a luta.

A auto-sugestão afeta outras áreas da vida também. Qualquer pessoa que tenha aprendido a andar de bicicleta lembrará de fazer todo esforço mental para ir para um lado da estrada para se afastar de um buraco ou uma parede, mas acabará caindo no buraco ou na parede de qualquer maneira. Por que isso acontece? Apesar de todo esforço de nossa vontade para evitar um desastre (ou será por causa de nossa intensa concentração?), surge através da auto-sugestão a sensação de que não podemos evitá-lo.

Baudouin ilustra esse problema na passagem a seguir e indica a intensidade - e o fracasso certo - de tentar superar certos pensamentos indesejados com outros pensamentos:

Uma pessoa teme não conseguir se lembrar de um nome conhecido; ele fica chocado com a desobediência de sua memória. Involuntariamente, inconscientemente, ele faz uma sugestão, que apenas agrava a perda de memória. Quanto mais ele se esforça para lembrar o nome novamente, mais afunda nesse esquecimento... Aqui temos a sensação muito nítida de que quanto mais nos esforçamos, mais o nome escapa. Cada esforço renovado parece escurecer as águas de nossa memória cada vez mais, parece agitar nuvens de lama cada vez mais espessas do fundo, por assim dizer; no final, está tudo escuro e não vemos mais nada. Há apenas um momento tínhamos o nome na ponta da língua; agora ele se perdeu novamente.

Como acontecem essas perdas de memória? Vamos supor que o lapso de memória descrito, com sua insatisfação raivosa (possivelmente não reconhecida), tenha se repetido várias vezes. Imediatamente surge a ideia de que nossa memória está falhando. E de fato, ela vai piorar, mas apenas porque pensamos assim, porque esse esquecimento nos causou uma forte impressão e porque, através disso, nossa atenção se fixa na ideia do esquecimento.

Não há dúvida de que muitas coisas entram em nossas mentes como sementes de pensamentos não desenvolvidos, que continuam a trabalhar em nosso subconsciente muito depois de termos dispensado a atenção a eles. Basta pensar nas fantasias indesejadas, especialmente as sexuais, que assolam toda pessoa em algum momento. Muitas vezes, tal fantasia se desenvolve a partir de uma imagem que originalmente prendeu a atenção por apenas um breve momento. No lado oposto da moeda, devemos lembrar a história do Antigo Testamento de Jacó, que manteve seu coração centrado na oração a Deus e foi abençoado com um sonho maravilhoso.

As linhas de Baudouin devem ser um aviso para cada um de nós sobre o que preenchemos nossas mentes e corações, especialmente antes de dormir. Não quero levar o leitor a mais ansiedade ou auto-preocupação; muitas pessoas parecem inclinadas a se analisar demais. Mas é sempre saudável ser capaz de encarar francamente as próprias deficiências. O Apóstolo Paulo chega ao ponto de dizer que aquele que se examina não será julgado.

O importante é que nosso autojulgamento seja acompanhado pela fé em Cristo, que quer nos libertar

do pecado. Sem essa fé, a preocupação consigo mesmo pode nos levar a começar a duvidar de cada motivo nosso e a perder a esperança na possibilidade de mudança. Eventualmente, isso pode causar uma depressão tão profunda que nos afasta completamente de Deus.

Em tudo isso, meu ponto principal é simplesmente que uma compreensão da autosugestão, mesmo que simplificada ou incompleta, deve nos levar a um senso de responsabilidade. Munidos dela, podemos buscar reconstruir aqueles pontos fracos em nossas vidas interiores onde o diabo nos ataca, e dessa forma liberar nossas energias para o amor.

Quando gastamos toda a nossa energia em manter nossa vida interior acima da água, não nos resta força para olhar além de nossas lutas - não nos resta força para amar os outros. Há apenas uma solução: afastar-se de nossas ansiedades e voltar-se para Jesus e nossos irmãos e irmãs. Se fizermos isso, descobriremos que ele não é tão implacável a ponto de precisarmos viver com medo constante e auto-circulação. Deus é um Deus de amor, e ele dá esperança e nova vida a todos que o buscam.

7. Fascinação

A MAIORIA das pessoas já experimentou, em algum momento, a frustração de simplesmente não conseguir escapar de um pensamento. Se for apenas uma música que continua ecoando em nossa mente, ou uma imagem positiva ou neutra, o problema é apenas esse: frustração. Mas quando se trata de uma ideia maligna, nossa incapacidade de afastá-la, não importa o que façamos, pode nos levar a uma grande necessidade interior. Para algumas pessoas, trata-se de inveja ou ciúmes; outros são atormentados por pensamentos de desconfiança e malícia; ainda outros parecem lutar incessantemente com imagens e ideias luxuriosas.

Vimos que a ansiedade em relação a qualquer pensamento que nos aflige - e esperanças infundadas de superar tal pensamento focando em outros "contra-pensamentos" - só pode nos levar em uma direção: em uma espiral descendente de confusão emocional. Na verdade, tenho visto que aqueles que se esforçam ao máximo para "querer" se colocar em um estado de espírito semelhante ao de Cristo às vezes são atormentados pelas piores ideias: pensamentos de blasfêmia e assassinato.

O que, então, pode ser feito? Em minha experiência, duas coisas são importantes. Primeiro, devemos lembrar que não estamos sozinhos em nossa luta. É fácil esquecer isso, especialmente quando nossa luta interior é longa ou intensa. Mas pelo que vi ao longo de anos aconselhando pessoas, a luta é universal e pode ser superada pelo menos em parte ao compartilhá-la com alguém em quem a pessoa afligida confie, seja um pastor ou padre, um cônjuge, um mentor ou um amigo íntimo.

Segundo, devemos permanecer tranquilos de que há uma saída. Uma vez que cedemos aos demônios da autodúvida e do medo, a batalha já foi perdida. Baudouin escreve:

Uma vez que nossa atenção volta repetidamente a esse ponto de fascinação, imaginamos que não somos mais capazes de desviá-la desse objeto. Em seguida, essa ideia se materializa a tal ponto que não acreditamos mais que somos capazes de nos libertar. Aqui, a sugestão está em ação. E agora, de fato, não podemos fazer nada diferente. Completamente involuntariamente, realizamos uma sugestão de impotência em nós mesmos.

O sentimento de paralisia ou impotência diante do mal está, acredito, próximo de estar possuído. Pode até ser possessão. É preciso ter cautela ao usar a palavra – há um estado em que podemos nos sentir cercados por espíritos malignos, mas não permitimos que eles nos possuam completamente. O que o Novo Testamento chama de possessão acontece quando uma pessoa é completamente dominada pelo poder do mal. Mas devemos reconhecer que hoje existem pessoas nesse estado.

Em um mundo onde tudo é explicado pela psicologia e psiquiatria, parece tentador descartar a ideia de possessão. Temos um rótulo médico para cada doença e, aparentemente, uma cura. No entanto, existem tantas pessoas para as quais a psiquiatria é, em última instância, ineficaz! Muitas vezes me perguntei o que aconteceria se Jesus visitasse nossos hospitais psiquiátricos lotados. Quantas pessoas ele reconheceria como possuídas? Quantos homens e mulheres ele encontraria além da ajuda humana, desesperadamente necessitados de seu toque libertador?

No final, seja uma pessoa possuída por espíritos malignos ou apenas perseguida por eles, a mesma verdade se aplica: somente Cristo, por meio de seu Espírito Santo, pode afastar sua escuridão, tristeza e medo. Para aqueles de nós que estão livres dos tormentos da fascinação, esse reconhecimento deve nos ajudar a tratar aqueles que estão presos por eles com paciência e compaixão especiais. Para a pessoa presa em luta, significa voltar-se para Cristo para que ele possa assumir o volante de nossa vida interior em suas mãos. Não estamos preocupados aqui em categorizar o pecado, mas em reconhecer o fato de que os artifícios do diabo - as soberanias das trevas de que falam os escritores do Novo Testamento - são de fato forças reais. Quando reconhecemos isso, podemos recorrer às maravilhosas palavras de Cristo sobre sua vitória prometida: "Quando eu expulso demônios pelo Espírito Santo, o reino de Deus já chegou até vocês."

8. Supressão

Embora alguns pensamentos malignos possam ser facilmente descartados (ou superados por uma breve oração), outros são muito mais difíceis de expulsar. No caso desses pensamentos malignos persistentes, nossa reação natural muitas vezes é a supressão: empurrar a ideia ofensiva para o fundo do nosso subconsciente, a fim de nos livrarmos dela rapidamente. Mas isso nunca funciona. Como Freud e inúmeras outras pessoas demonstraram, um pensamento suprimido sempre ressurgirá, assim como uma garrafa tapada que é empurrada abaixo da água, mas sobe novamente assim que é solta. A única alternativa - continuando com a imagem da garrafa - é agarrá-la e lançá-la para fora da água de uma vez

por todas. Em outras palavras, a maneira mais eficaz de realmente livrar nossa mente de um pensamento suprimido é enfrentá-lo de frente e rejeitá-lo. (Obviamente, não posso concordar com a conclusão de Freud sobre o problema: que se deve liberar a tensão agindo sobre o pensamento reprimido).

Baudouin ilustra os efeitos da supressão com outra metáfora:

Uma folha que cai em um riacho (ou uma folha que intencionalmente deixamos cair em um riacho) exatamente onde a água desaparece no solo... sairá novamente na próxima abertura, porque o riacho subterrâneo a transportou fielmente até lá, embora durante essa jornada ela estivesse fora do alcance de qualquer interferência externa. Da mesma forma, uma ideia que foi introduzida em nossas mentes (ou que nós mesmos introduzimos intencionalmente) produzirá seus efeitos após um desenvolvimento subconsciente mais longo ou mais curto.

A água e a folha simbolizam nossa vida interior. Quando colocamos uma imagem ou ideia positiva em nosso coração, ela permanecerá em nós e trabalhará em nós até que apareça novamente no fluxo do pensamento consciente. O mesmo ocorre se dermos espaço a um pensamento ou imagem maléfica. Pode ficar oculto por um longo tempo no subconsciente, mas então, de repente, está lá, e seu efeito anteriormente despercebido em nossa vida interior também se fará sentir.

No meu trabalho de aconselhamento, encontrei pessoas que viviam com tanto medo de pensamentos ou sentimentos maléficos que constantemente suprimiam tudo o que surgia em suas mentes. Algumas dessas almas sofridas viviam em um estado de tensão interior tão intenso que entravam em pânico só de pensar em um pensamento tentador: viviam com medo constante de sua própria psique.

Ninguém pode se manter são por muito tempo em uma situação tão carregada. Na verdade, em breve ele não será diferente do neurótico, cujas tentativas de se libertar apenas o enredam mais profundamente, ou do esquizofrênico, cujas tentativas de resistir (ou escapar) de vozes ou alucinações muitas vezes fortalecem essas ilusões. Para usar outra ilustração do mundo natural: a vida interior de uma pessoa assim é como um balão superinflado que eventualmente explodirá, liberando de uma vez uma onda de pensamentos e sentimentos reprimidos.

Novamente, só podemos encontrar ajuda interior reconhecendo que não podemos superar qualquer luta interior por meio de nossa própria força de vontade. Portanto, devemos primeiro relaxar e nos tornar interiormente tranquilos. Cada um de nós sabe, lá no fundo, o que realmente queremos, e mesmo que nos sintamos confusos e infelizes, devemos tentar nos concentrar nesse desejo. Deus nos ama e quer nos ajudar, mesmo que essa crença seja repetidamente atacada pela dúvida. Ele pode nos ajudar a superar nossos medos. Devemos também lembrar que é inútil tentar combater sentimentos indesejados com outros sentimentos. Nenhum de nós pode endireitar nossas emoções, mas podemos confiar em Deus. Ele conhece nosso coração mais profundo e pode acalmar nossos corações:

O Espírito nos ajuda em nossa fraqueza... e intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que examina nossos corações conhece a mente do Espírito, porque o Espírito intercede por nós de acordo com a vontade de Deus (Romanos 8:26-27).

9. Fé

A ÚNICA resposta para o tormento interior é a fé em Deus. Pode parecer simplista, mas a fé é o único ponto onde a luz pode penetrar em nossas vidas e nos trazer redenção do mal. Assim como a graça, a fé é um mistério e não se presta a explicações. Para alguém que não tenha experimentado o seu poder, pode parecer distante ou até inatingível.

A fé não pode ser adquirida por uma decisão da vontade: é um presente de Deus. No entanto, pode ser dado a todos que o buscam. Como Jesus diz, "Buscai e achareis." O que importa aqui é a confiança. A fé não depende da razão, de teorias, sistemas teológicos ou outras explicações intelectuais. É crença, precisamente na ausência dessas coisas. Maria tinha razão suficiente para duvidar do anjo que lhe veio de Deus, mas em vez disso ela acreditou - "Eis aqui a serva do Senhor" - e recebeu a Palavra em seu coração. Pode ser assim tão simples!

Muitas pessoas acreditam pelo menos em algum nível; elas conhecem a Cristo, e seus corações lhes dizem: aqui está alguém em quem posso confiar. No entanto, cada um de nós também conhece sentimentos de medo e ansiedade, e muitas vezes isso leva a uma suspeita e reserva. Algo em nós busca a Cristo e, ao mesmo tempo, algo em nós nos impede e nos torna relutantes em nos abrirmos a Ele completamente. Mas é exatamente isso que devemos fazer. A abertura é o primeiro passo para a fé.

O amor de Deus está sempre ao nosso redor, quer o aceitemos ou não. Como Pascal escreve em seus Pensamentos, "Você não me teria procurado se já não me tivesse encontrado." Essas palavras devem nos ajudar a reconhecer, com toda humildade, que Jesus nos ama antes de o amarmos. Mesmo que não tenhamos consciência disso, Ele pode já estar operando em nossos corações.

Claro, a fé não nos transforma magicamente: o Inimigo está sempre presente, e ele sempre tentará encontrar os pontos vulneráveis de uma pessoa para levá-la à queda. Não é suficiente dar a Cristo apenas o que há de bom em nós, nem é suficiente dar a Ele apenas nossos pecados e fardos. Ele quer toda a nossa pessoa. Se não nos entregarmos completamente a Ele, nunca encontraremos a liberdade interior plena e a paz que Ele nos promete.

A bênção que vem com a fé em Cristo exige ainda mais. Ela demanda obediência: "Quem crê no Filho tem a vida eterna; aquele que não obedece ao Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele" (João 3:36).

Frequentemente, por meio do medo, trazemos a sugestão subconsciente de nossa própria incapacidade

de encontrar ajuda. Quando Jesus disse: "Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós mesmos" (João 6:53), até mesmo seus seguidores próximos acharam essas palavras difíceis de aceitar, e muitos o deixaram. Mas quando Jesus perguntou aos Doze: "Quereis vós também retirar-vos?" Pedro respondeu: "Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna. E nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (João 6:67–69). Enquanto tivermos essa fé, descobriremos que Jesus pode e fará tudo por nós também.

Nesse sentido, sempre senti que o símbolo do sangue de Cristo é de extrema importância. A purificação que Ele oferece não é um novo ensinamento ou dogma, mas a possibilidade de um relacionamento pessoal com Ele. É vida: "Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim nunca terá fome, e aquele que crê em mim nunca terá sede" (João 6:35). E: "Na verdade, na verdade vos digo: Aquele que crê em mim tem a vida eterna" (João 6:47).

O mais comovente de tudo é a descrição de João da promessa que Jesus estende a cada um de nós através do tempo, não importa quão sombria seja a perspectiva ou quão difícil seja o caminho:

"No último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, venha a mim e beba. Quem crê em mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre" (João 7:37–38).

Sem Jesus, não encontraremos paz. Ele permanece lá, mesmo para aqueles que o deixam, como fizeram muitas pessoas de sua época que acharam suas palavras difíceis de aceitar, e Ele permanece lá para nós também, mesmo nas horas escuras em que nossa fé vacila. Ele nos liberta, não apenas para esta vida, mas para a vida eterna. Portanto, oramos por nós mesmos e por cada homem e mulher, incluindo aqueles que não creem: "Senhor, ajuda-nos. Nós precisamos de Ti, da Tua carne, do Teu espírito, da Tua morte e vida - da Tua mensagem para toda a criação."

10. Autorenúncia

SE ACREDITAMOS que a fé é um presente de Deus, segue-se que, para que esse presente se torne nosso, devemos recebê-lo de bom grado. E devemos recebê-lo como é dado - não podemos ditar o caminho que ele nos leva ou a forma como pode mudar nossas vidas. Em resumo, para receber a fé em Deus, devemos renunciar a toda fé em nosso próprio poder para provocar mudanças: "O poder dele se aperfeiçoa na fraqueza" (2 Coríntios 12:9).

Num antigo texto conhecido como "O Pastor", o cristão primitivo Hermas usa uma parábola vívida para mostrar-nos a necessidade de desmantelar nosso poder humano. Ele descreve o Reino como um grande templo de mármore em processo de construção, e cada homem ou mulher no mundo como um possível bloco de construção. Os blocos que parecem úteis são talhados pelo mestre pedreiro, e se encaixarem, eles são usados. Aqueles que não se encaixam devem ser descartados. Para mim, a imagem tem um significado simples, mas profundo: Deus só pode nos usar na medida em que estamos dispostos a ser talhados para os Seus propósitos - ou seja, apenas na medida em que nos entregamos para servir às Suas necessidades.

O que é uma entrega verdadeira? Uma pessoa pode ceder a alguém mais forte, ou um exército a um exército mais forte. Podemos nos render a Deus porque Ele é todo-poderoso, ou porque tememos o Seu julgamento. Nada disso é uma entrega completa. Somente se experimentarmos que Deus é bom - e que Ele sozinho é bom - é possível ceder nosso coração, alma e ser inteiro a Ele de forma voluntária e incondicional, e por amor.

Meu pai disse uma vez sobre isso:

É difícil descrever como o poder nos é retirado, como ele deve ser abandonado, desmontado, desfeito e posto de lado... Isso não é facilmente alcançado e não ocorrerá por meio de uma única decisão heróica. Isso deve ser feito em nós por Deus. No entanto, esta é a raiz da graça: a desconstrução do nosso poder. E somente na medida em que ele é desconstruído é que Deus pode trabalhar em nós, através do seu Espírito Santo, e construir a sua causa santa em nós...

Naturalmente, o primeiro passo que devemos dar é pedir a Deus para entrar em nossos corações. Não é que ele não possa ou não queira agir sem que peçamos, mas ele espera que abramos nossas vidas a ele por nossa própria vontade. "Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei e cearei com ele, e ele comigo" (Apocalipse 3:20).

Muitas pessoas se perguntam por que Deus não impõe sua vontade sobre elas, se Ele é tão poderoso. No entanto, é simplesmente assim que Deus é. Ele espera por nossa prontidão. É verdade que Ele castiga aqueles que ama e os chama ao arrependimento, mas nunca impõe Sua bondade sobre eles.

Se um pai pegasse seu filho pela garganta e impusesse suas boas intenções sobre ele, a criança instintivamente sentiria que isso não é amor. Por essa mesma razão, Deus não impõe Sua vontade sobre ninguém. Portanto, nos deparamos com uma pergunta de grande importância: estamos dispostos a nos render a Deus voluntariamente, a abrir as janelas de nossos corações para que Sua bondade possa entrar e encher nossas vidas?

Certamente, as lutas que discutimos neste livro deixam claro que tal rendição nunca é fácil, mas ocorre em meio a forças poderosas. O próprio Jesus teve que lutar muito para entregar Sua vontade à do Pai, a ponto de suar gotas de sangue. O mal o cercava por todos os lados, mas Ele permaneceu fiel: Sua atitude era "Não seja feita a minha vontade, mas a Tua vontade". Essa também deve ser a nossa atitude.

Muitas vezes, as situações mais difíceis - tragédias inesperadas, morte, sofrimento ou perda súbita - surgirão na vida sem que entendamos por quê. É o mesmo na luta contra pensamentos pecaminosos. Justo quando temos certeza de que a batalha contra esse ou aquele obstáculo foi vencida, podemos ser atacados novamente. Mesmo assim, a resposta está em nos rendermos completamente a Jesus.

Todos estão destinados a passar por tempos difíceis, e para alguns, a luta para aceitar a adversidade pode parecer insuperável. No entanto, nunca devemos esquecer que a vitória final pertence a Deus:

"Céus e terra passarão, mas um novo céu e uma nova terra estão chegando."

11. Confissão

Jesus diz em Mateus 6:22-24 que enquanto tentarmos servir a dois senhores, viveremos na escuridão. Como, então, podemos encontrar a simplicidade de coração que nos conduz à sua luz? Primeiro, devemos reconhecer se o nosso olho interior está puro, e não abaixado pela vergonha do pecado não confessado. Enquanto carregarmos o fardo da culpa oculta, nunca encontraremos liberdade ou alegria plenas: o olho continuará enfermo, e assim todo o corpo permanecerá nas trevas.

A confissão - o ato de aliviar nossos pecados ao contar a alguém para nos libertarmos do seu peso - é simples o suficiente para definir, mas nunca é fácil de praticar. Como escreve Baudouin, "Quando descobrimos que criamos nossa própria miséria, essa percepção contém algo tão humilhante para nós que relutamos em reconhecê-la." Ele continua: "No entanto, precisamente porque criamos nossa miséria, é essencial que sejamos absolutamente honestos sobre nossas falhas para encontrar a cura."

Apesar do conselho incontestável que encontramos na Carta de Tiago - "Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros" - muitos cristãos hoje questionam a necessidade da confissão. Alguns a descartam como uma ideia muito "católica"; outros enfatizam a importância de um relacionamento pessoal e privado com Deus e argumentam que é suficiente trazer nossos pecados diante dele. Mas isso é um argumento fraco: Deus já conhece os nossos pecados (Hebreus 4:13). A menos que avancemos além de simplesmente reconhecer nossos pecados e os confessemos a outra pessoa, não seremos aliviados de seu peso.

Quando nossos fardos consistem em pecados específicos conscientes, como geralmente é o caso, esses devem ser confessados sem falta. Aqui, a "veracidade absoluta" que Baudouin aconselha é vital, pois sem ela, uma consciência verdadeiramente limpa permanece impossível. Às vezes, no entanto, podemos nos sentir atacados pelo mal de maneira mais geral e temer que possamos ter cedido a ele ou respondido inadequadamente. Se tal ansiedade persistir, isso também deve ser confessado. Isso não significa vasculhar o subconsciente por cada pequena coisa. Onde Deus nos diz através de nossa consciência que algo está errado, devemos admitir para que possa ser perdoado. Mas o objetivo da confissão deve ser sempre a libertação, não o aumento da preocupação consigo mesmo. Queremos encontrar Jesus, não a nós mesmos.

Fé e uma boa consciência estão completamente entrelaçadas. Se não prestarmos atenção à voz de nossa consciência, nossa fé naufragará. E sem fé, perdemos a possibilidade de encontrar uma consciência pura em primeiro lugar. É por isso que o Apóstolo diz que as consciências daqueles que não creem não estão limpas. Isso é inevitável, porque sem fé a consciência não tem nada a que se apegar.

Além disso, está claro que quando confessamos um pecado a alguém em quem confiamos e amamos, um novo vínculo é criado através da nossa admissão de culpa. Jesus atribui grande peso a esse vínculo, como indicado por sua ênfase na comunidade ao longo dos evangelhos: na verdade, ele promete que onde dois ou três estiverem unidos em seu nome, ele estará no meio deles. Para mim, essa unidade

significa comunidade - seja na forma de trabalho ou alimentação compartilhados, oração comum ou leitura e reflexão com um amigo ou cônjuge. O importante é a força - e a proteção contra o pecado - que vem da convivência. Um coração solitário está em grande perigo.

Por si só, a confissão não é de ajuda. As pessoas pagam dinheiro para contar a psiquiatras seus sofrimentos e pecados, e esses psiquiatras usam todo tipo de terapia para ajudá-los a acalmar suas consciências perturbadas. No final, sem remorso pelos pecados que revelamos, a confissão permanece uma mera "descarga" de pecado de uma pessoa para outra e não pode ter efeito redentor.

Com remorso - com o desejo de verdadeiramente desfazer os erros que cometemos ao nos afastar deles de uma vez por todas - a confissão se torna uma alegria. Ao lançar fora o véu que manteve nosso pecado oculto, ela remove o feitiço do segredo. Tenho visto pessoas mudarem em um instante; pessoas que vieram até mim tão angustiadas que seu pecado parecia sobrecarregá-las fisicamente, mas que quase saltitaram para longe depois de se abrirem completamente.

Bonhoeffer descreve essa transformação de uma maneira maravilhosa e nos mostra que é algo mais do que algo emocional, mas sim algo com significado eterno:

Na confissão de pecados concretos, o velho homem morre uma morte dolorosa e vergonhosa diante dos olhos de um irmão. Porque essa humilhação é tão difícil, constantemente tramamos evitá-la. No entanto, na profunda dor mental e física da humilhação perante um irmão, experimentamos a Cruz de Jesus como nosso resgate e salvação. O velho homem morre, mas é Deus quem o conquistou. Agora compartilhamos na ressurreição de Cristo e na vida eterna.

12. Oração

Do Evangelho de Mateus ao Livro do Apocalipse, o Novo Testamento está repleto de referências à oração como a melhor arma na luta espiritual. Uma das mais profundas delas é encontrada em Efésios 6:

Encontrem a vossa força no Senhor, na Sua poderosa força. Vistam toda a armadura que Deus proveu, para que possam estar firmes contra os ardis do diabo. Pois a nossa luta não é contra inimigos humanos, mas sim contra poderes cósmicos, contra as autoridades e potestades deste mundo de trevas, contra as forças sobre-humanas do mal nos céus. Portanto, vistam a armadura de Deus; assim, serão capazes de manter a vossa posição quando as coisas estiverem no seu pior, de completar cada tarefa e ainda assim permanecer em pé. Fiquem firmes, eu digo. Coloquem o cinto da verdade; para a couraça, vistam a integridade; deixem que os sapatos nos vossos pés sejam o evangelho da paz, para dar firmeza aos vossos passos; e, com tudo isso, peguem o grande escudo da fé, com o qual serão capazes de apagar todas as flechas flamejantes do maligno. Tomem a salvação como capacete; como espada, tomem aquilo que o Espírito vos dá – as palavras que vêm de Deus. Dediquem-se inteiramente à oração e súplica; orem em todas as ocasiões no poder do Espírito (Ef. 6:10–18).

Outra passagem importante é Mateus 6:16, onde Jesus nos ensina como orar: Ele nos diz para nos trancarmos em nossos quartos e orar em segredo, para que Deus, que vê em segredo, nos recompense. Eu sempre senti que a preocupação de Jesus não era tanto a privacidade quanto a humildade: Ele nos adverte contra exibir nossa piedade diante dos outros "como os fariseus" e contra recitar longas orações.

Mesmo com essas palavras reconfortantes, uma vida de oração significativa ainda pode ser elusiva para uma pessoa envolvida em uma intensa luta contra o pecado. Um homem a quem aconselhei muitos anos atrás ansiava por encontrar alívio em sua batalha contra um certo pecado persistente, mas simplesmente não conseguia encontrar paz. Esse homem orava fervorosamente por horas. Quando isso não parecia ajudar, ele orava para que Jesus o libertasse de qualquer resistência subconsciente que pudesse haver dentro dele. Quanto mais ele orava, mais confuso e desesperado ele se tornava, e seu tumulto interno parecia provar para ele que suas orações não eram agradáveis a Deus.

Como pode uma pessoa assim encontrar ajuda? Cada caso será diferente, mas neste caso uma verdade geral parecia ser válida: Quando sentimos que nossas orações não são respondidas, devemos considerar se não é tanto uma questão de Deus não responder, mas da nossa própria incredulidade. Através da auto-sugestão, um sentimento de dúvida no poder de Deus enraíza-se em nossa mente, e quanto mais nos debatemos, mais afundamos na areia movediça paralisante da impotência. A resposta é parar de se debater e ouvir a voz de Deus.

Com muita frequência, oramos apenas pelo que desejamos e esquecemos de perguntar a Deus o que Ele deseja de nós em um momento específico. Esquecemos a sabedoria mística expressa por Jesus nas palavras: "Bem-aventurados os pobres de espírito" (Mt. 5:3). A pobreza de espírito significa vazio e silêncio, honestidade e humildade; não tem nada a ver com a tensão ou tumulto das emoções agitadas. Significa nos prepararmos para Deus como realmente somos - como pecadores pobres e miseráveis - em vez de "nos arrumarmos" para Ele.

Deus conhece nosso estado interior, e pouco adianta tentar melhorar sua aparência. Claramente, tentar nos arrumar não passa de tolice. O mesmo vale para tentar imaginar como Deus quer que sejamos e esperar que, ao entrarmos em um estado de espírito piedoso, Ele esteja mais propenso a nos ouvir e responder.

Não se preocupem com nada, mas em tudo, por meio de oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus. E a paz de Deus, que excede todo entendimento, guardará os seus corações e as suas mentes em Cristo (Filipenses 4:6-7).

Deus sempre responderá a uma oração sincera, embora possa não responder imediatamente. Daniel orou fervorosamente pelo perdão dos pecados de Israel, mas não recebeu resposta por três semanas. Então, um anjo apareceu a ele em uma visão e disse:

Não tenha medo, Daniel, pois desde o primeiro dia em que você aplicou sua mente para entender e se mortificar diante de seu Deus, suas orações foram ouvidas, e eu vim em resposta a elas. Mas o príncipe dos anjos malignos do reino da Pérsia resistiu a mim por vinte e um dias, até que Miguel, um dos

principais príncipes do céu, veio para me ajudar (Dn 10:12–14).

Portanto, as orações de Daniel foram ouvidas desde o início, embora poderes sombrios tenham dificultado para o anjo que o respondeu. Hoje, apesar da vitória da cruz, ainda há forças sombrias em ação. Nossas orações, assim como as de Daniel, muitas vezes podem não ser respondidas imediatamente. No entanto, Deus as ouve. Vamos acreditar firmemente nisso.

13. Desapego

QUANDO, no meio de uma luta difícil, sentimos um desejo por Deus nas profundezas dos nossos corações, é um sinal de que ele ainda está lá. (O fato de estarmos até lutando é um sinal disso também.) Talvez não tenhamos força para segui-lo naquele momento, mas enquanto o ouvirmos através da voz da nossa consciência, podemos nos apegar a isso e saber que ele nos guiará para fora da nossa luta.

Deus está oculto profundamente dentro do coração de cada ser humano, pois cada um de nós é feito "à sua imagem". Se tivermos uma fé simples nisso, não deve ser difícil acreditar que é Ele cuja voz nos direciona para fora da escuridão em direção à liberdade e à luz. No entanto, como, em meio ao clamor de outras vozes que disputam nossa atenção, podemos encontrar a tranquilidade interior que precisamos para ouvi-lo?

Em um de seus poemas, meu pai aborda essa questão e fala, em resposta a ela, do seu anseio de ser "derramado" para Deus para que ele possa esperá-Lo "em quietude". Essa quietude, que o místico alemão do século XIII, Eckhardt, chama de "desapego", é uma necessidade diária para todo cristão. Desapego significa nos separarmos de todas as tensões do dia - das preocupações com o trabalho, o lazer e a vida pessoal; das notícias, dos esportes, das dores de cabeça com problemas práticos, das distrações dos planos para o amanhã. Significa estar diante de Deus em silêncio para que possamos perceber sua atuação em nossos corações.

Mesmo a "vontade limitada" da qual falei anteriormente deve ser cedida para que a voz mais profunda do coração possa falar sem ter que competir com qualquer outra coisa. Isso significa desapego de Mamom, impureza e maldade; de engano, desconfiança e ódio; de todos os espíritos alheios a Deus. Aqui, gostaria de enfatizar novamente o significado do subconsciente e lembrar ao leitor que a causa de um ataque de um espírito maligno muitas vezes é encontrada lá. Com isso em mente, fica evidente quão importante é encontrar o desapego todas as noites antes de adormecer. Tudo o que permitirmos em nosso coração pode continuar a agir em nós durante toda a noite.

Sabemos que não podemos alcançar um verdadeiro desapego com nossa própria força, mas isso não é motivo para autodúvida ou preocupação. Na verdade, a melhor maneira de permanecer atolado em luta e não experimentar nada de bom é ficar avaliando constantemente nossa própria fraqueza. Já aconselhei pessoas que faziam isso - estavam tão focadas em se observar que estavam sempre tensas e nunca conseguiam ouvir a Deus.

Se realmente desejamos a ajuda de Deus, não devemos olhar para nós mesmos, mas para Ele. Eckhardt escreve:

Nada além da renúncia de sua vontade faz um homem verdadeiro. Isso sozinho é a vontade perfeita e verdadeira, que alguém entre na vontade de Deus e esteja sem auto-vontade. Pois toda a perfeição da vontade do homem significa estar em harmonia com a vontade divina, desejando o que Deus deseja.

No momento em que o anjo apareceu para Maria, nada que ela já tivesse feito a tornaria mãe de Jesus; mas assim que ela entregou sua vontade, naquela mesma hora ela realmente se tornou mãe da Palavra Eterna e concebeu Jesus.

Deus nunca se deu (nem jamais se dará) a uma vontade estrangeira. Somente onde ele encontra sua vontade, ele se comunica e deixa a si mesmo, com tudo o que ele é. Isso é verdadeiro desapego interior. Então, o Espírito permanece imóvel diante de tudo o que lhe acontece, seja bom ou mau, honra ou desprezo ou calúnia, assim como uma ampla montanha permanece imóvel diante de uma brisa leve.

O homem justo tem tanta fome e sede pela vontade de Deus, e isso lhe agrada tanto, que ele não deseja nada mais e não quer nada diferente do que Deus decreta para ele. Se a vontade de Deus o agradasse dessa maneira, você se sentiria como se estivesse no céu, independentemente do que lhe acontecesse ou não. Mas aqueles que desejam algo diferente da vontade de Deus obtêm o que merecem: eles estão sempre em miséria e problemas; as pessoas fazem muita violência e dano a eles, e eles sofrem de todas as formas. Nós ensurdecemos Deus dia e noite com nossas palavras: "Senhor, faça-se a tua vontade". Mas quando a vontade de Deus acontece, nós ficamos furiosos e não gostamos nem um pouco. Quando nossa vontade se torna a vontade de Deus, isso é certamente bom; mas como seria melhor se a vontade de Deus se tornasse nossa vontade!

Como está agora, se você está doente, é claro que você não quer ficar bem contra a vontade de Deus, mas deseja que seja a vontade de Deus para você ficar bem. E quando as coisas estão indo mal para você, você deseja que seja a vontade de Deus para você se sair melhor! Mas quando a vontade de Deus se torna sua vontade, então, se você estiver doente - será em nome de Deus! Se seu amigo morrer - será em nome de Deus!

Qualquer pessoa que, pela graça de Deus, una sua vontade de maneira pura e completa à vontade de Deus, não precisa mais do que dizer com ardente anseio: "Senhor, mostra-me qual é a tua vontade mais querida e dá-me forças para fazê-la!" E Deus fará isso, tão verdadeiramente quanto Ele vive, e a tal pessoa Ele dará em grande abundância e toda perfeição.

Não há nada que um homem possa oferecer a Deus que seja mais agradável a Ele do que o desapego. Deus se preocupa menos com nossa vigília, jejum ou oração do que com isso. Em resumo, Deus não precisa de mais nada além disso: que lhe demos um coração tranquilo.

Para aqueles cujas tentações graves ainda os confundem e os impedem do desapego, pode ser útil lembrar que a mente nunca é um vazio completo. O que quer que removamos, precisamos substituir. Portanto, é crucial não apenas eliminar tudo o que nos distrai, mas também focar nosso olho interior e ouvido apenas em Jesus. Quanto mais conseguirmos olhar para fora e nos esquecer de nós mesmos, mais facilmente nossa mente pode ser libertada e curada por Deus. Como o escritor de Filipenses aconselha:

Tudo o que for verdadeiro, nobre, justo, puro; tudo o que for amável, admirável, excelente ou louvável – medite sobre tais coisas... E o Deus da paz estará com você (Filipenses 4:8–9).

Quando a alma encontra essa paz e não está mais sujeita à força dos espíritos em conflito internamente; quando não está mais submetida a nenhuma força - nem mesmo à pressão do próprio anseio atormentado - então a voz de Deus, que é o Espírito, pode falar.

14. Arrependimento e Renascimento

TEMOS discutido, nos capítulos anteriores, a importância da entrega de si mesmo, da confissão, da oração e do desapego. Deixando essas coisas de lado, resta-nos uma pergunta de extrema importância: O que devemos fazer para romper completamente com o pecado em nossos corações, de forma que possamos ser "renascidos"?

De acordo com o Novo Testamento, devemos nos arrepender. Ou seja, não só devemos reconhecer nossos pecados, mas também demonstrar um profundo e genuíno remorso por eles, a ponto de nos desconectarmos completamente de seu poder. O arrependimento não é uma ideia bem-vinda entre muitos crentes hoje em dia; de um modo geral, as pessoas se contorcem quando confrontadas com isso. Ninguém gosta de se ver como um pecador; é mais agradável ser um bom cristão. No entanto, não todos os quatro evangelhos deixam claro que Cristo veio para os pecadores - não para os santos - e que o caminho para Cristo é a humildade e a pobreza de espírito, não a bondade humana?

Quando o apóstolo Paulo fala de si mesmo como "o maior dos pecadores", sente-se que essas não são apenas palavras piedosas. Ele realmente as quis dizer. Paulo havia perseguido a igreja e era responsável pelo martírio de muitos crentes; ele sabia que era inimigo de Deus. Da mesma forma, no Pentecostes, as pessoas de Jerusalém se viram como pecadoras. Elas não se sentiam dignas do Espírito Santo - muito pelo contrário. Elas estavam "com o coração traspassado" e se consideravam os assassinos de Cristo. Mas por causa dessa percepção, Deus pôde usá-las.

Se quisermos ser usados por Deus, devemos reconhecer que cada um de nós também é um pecador. Até mesmo Pedro, um dos discípulos mais confiáveis, foi humilde o suficiente para reconhecer suas falhas: depois de negar Jesus, nos dizem, ele foi embora e "chorou amargamente". Não há outro caminho para nós, senão chorar por nossos pecados.

O arrependimento não é algo fácil: exige uma luta árdua. No entanto, mesmo nas horas mais sombrias e agonizantes de busca interior, podemos nos confortar com o fato de que Jesus (embora fosse sem pecado) já esteve lá antes de nós. Como lemos em Hebreus:

Nos dias de sua vida terrena, ele ofereceu orações e súplicas, com clamores e lágrimas, àquele que podia salvá-lo da morte. Por causa de sua humilde submissão, sua oração foi ouvida: mesmo sendo filho, ele

aprendeu a obediência na escola do sofrimento e, uma vez aperfeiçoado, tornou-se a fonte de salvação eterna para todos que o obedecem... (Hebreus 5:7-10).

Qual de nós leva nossas lutas contra o pecado tão a sério a ponto de lutar com clamores altos e lágrimas? Jesus o fez. Ninguém jamais teve que lutar como ele - ninguém. O diabo não quis nenhum coração mais do que o dele. E porque ele lutou muito mais intensamente do que qualquer um de nós jamais terá que fazer, ele compreende nossas lutas. Podemos ter certeza disso. No entanto, sempre teremos que lutar, e é por isso que ele diz que aqueles que desejam segui-lo devem tomar sua cruz como ele tomou a dele.

O arrependimento não significa auto-tormento. Pode virar nossas vidas de cabeça para baixo - na verdade, deve - e às vezes sentiremos como se todo o alicerce tivesse sido varrido de debaixo de nossas vidas. Mas mesmo assim não devemos ver tudo como desesperador ou sombrio. O julgamento de Deus é a bondade de Deus, e não pode ser separado de sua misericórdia e compaixão. Nosso objetivo deve ser remover tudo o que é contrário a Deus de nossos corações, para que Ele possa nos purificar e nos trazer nova vida - ou seja, para que Ele possa nos encher de Cristo.

É um presente maravilhoso quando uma pessoa realmente se arrepende. Um coração de pedra se torna um coração de carne, e toda emoção, pensamento e sentimento mudam. Toda a perspectiva muda, porque Deus se aproxima tanto da alma. Infelizmente, muitos cristãos resistem ao arrependimento e ao renascimento. Outros, mesmo que não resistam, nunca experimentam suas bênçãos porque não o buscam. Eles podem estar cientes do pecado em suas vidas, e em certo nível podem lutar em vão, ano após ano, para superá-lo. No entanto, por baixo, eles se sentem presos. Eles sentem que seus pecados são realmente apenas fraquezas humanas "naturais" e insuperáveis, e assim se resignam a isso.

De um lado, tenho grande compaixão por essas pessoas; de outro, sinto que suas desculpas são completamente indefensáveis. Se eu insisto que sou um pecador muito grande - se duvido que Cristo possa realmente me ajudar - estou obstruindo a graça e impedindo que o Espírito Santo entre em meu coração, porque na verdade estou duvidando da vitória da ressurreição. Essa dúvida deve ser rejeitada. Afinal, o poder de Cristo reside nisso: que ele carregou o pecado do mundo inteiro e, ainda assim, venceu a morte (1 João 2:2).

Cristo está sempre presente, e o Espírito Santo também, e se qualquer alma clamar a Deus, será ouvida. Não é sem motivo que Cristo se chama nosso "Advogado": não há ninguém que tenha tanta compaixão e amor pelos pecadores quanto Ele, e Ele promete que "todo aquele que pede, recebe...a quem bate, a porta será aberta." Essas promessas estão disponíveis para todos. Não podemos nos esconder atrás de nossos pecados e dizer: "Eu sou muito fraco" ou "Quero mudar, mas não posso". No final das contas, essas desculpas não têm fundamento. Parte do segredo do renascimento e da nova vida é a graça. O diálogo de Nicodemos com Jesus mostra que o renascimento não pode ser explicado, mas apenas experimentado. Certamente sabemos que significa a transformação completa do velho homem no novo. Mas Jesus não oferece uma razão, nenhuma explicação. Ele simplesmente diz: "Você deve renascer". Por nossa parte, então, devemos simplesmente acreditar que Deus deseja nos conceder nova vida.

A graça é o dom misterioso que Cristo nos dá quando nos voltamos para ele. É a chave para o

renascimento e a possibilidade de uma vida completamente nova. Não depende de méritos ou boas ações, mas vem até mesmo para aqueles que, humanamente falando, parecem merecer isso menos. Como Paulo diz, é "gloriosa e dada gratuitamente...Porque somos um com Cristo, somos libertos da escravidão por meio de seu sangue: nossos pecados são perdoados. Tão rica é sua graça!" (Efésios 1:6–7)

Através da graça, Paulo ainda diz: "a natureza pecaminosa não tem mais poder sobre nós" (Romanos 8:13). Esta é uma declaração muito forte. Quem realmente pode dizer que a natureza inferior não tem poder sobre ele? No entanto, a resposta para o enigma também é clara: devemos nos abrir ao poder do Espírito, nos arrepender e dedicar nossas vidas a Cristo.

Quando estamos prontos, com todas as fibras do nosso ser, para dar a Ele tudo - para dizer: "Jesus, estou chegando. Estou chegando, qualquer que seja o custo" - teremos a certeza de que o pecado nunca pode ser vitorioso em nós, mesmo que possamos lutar com uma fraqueza específica até o dia de nossa morte. "Portanto, agora não há condenação para aqueles que estão em união com Jesus Cristo, pois por meio dele a lei do Espírito que dá vida nos libertou da lei do pecado e da morte" (Romanos 8:1–2).

15. Cura

NÓS VIMOS como, na nossa luta contra o pecado, muitas vezes somos incapacitados pelo mal. Mesmo quando tomamos o que pensamos ser uma decisão firme de fazer o que é certo, os poderes da sugestão e auto-sugestão complicam a batalha, nos confundem, enfraquecem nossa determinação e, às vezes, nos dominam, deixando-nos com uma sensação de completa impotência. Em alemão, a palavra "geisteskrank" - "doente de espírito" - é usada para descrever esse estado.

Assim como a recuperação de qualquer doença, a cura desse mal do espírito leva tempo. Remédio também é necessário - neste caso, nutrição espiritual, cuidado interior e orientação tranquilizadora de outros. No entanto, no final, depende de Jesus.

Quando eu tinha treze anos, durante uma visita ao Castelo de Wartburg (a cerca de cinquenta milhas de nossa casa no centro da Alemanha), meus pais me mostraram o estudo onde Martinho Lutero traduziu a Bíblia para o alemão. Havia uma grande mancha de tinta na parede - disseram que Lutero foi tentado por Satanás e atirou o tinteiro nele para assustá-lo. Na época, fiquei muito impressionado e saí do quarto com a noção infantil de que é assim que um homem de verdade afasta o diabo. Hoje eu sei que todos os tinteiros do mundo não podem fazer nada diante do mal. Se pudessem, a luta contra o pecado no coração humano seria apenas uma questão de convocar a vontade no momento e lugar certos. Vimos que isso nunca funciona.

Somente Jesus pode nos curar e nos dar um novo coração. Ele veio para nos restaurar por meio de seu sangue, e todo coração, por mais atormentado que seja, pode encontrar conforto e cura nele. Em um ensaio intitulado "A Consciência e sua Restauração à Saúde", meu pai escreve:

Jesus é o caminho para Deus. Não há outro Deus senão aquele que é o Pai de Jesus. Onde quer que o busquemos, encontramo-Lo em Jesus. A menos que sejamos libertados em Jesus de todos os nossos fardos, tentamos em vão nos aproximar do Pai de todos, que é trazido até nós como nosso Pai por Jesus. Sem perdão dos pecados, não temos acesso a Deus. Jesus nos concede isso ao sacrificar sua vida - seu corpo, sua alma e seu sangue.

O Acusador dos nossos irmãos está silenciado; e a consciência também não é mais permitida acusar. Até o sangue do irmão assassinado, Abel, foi apagado. O melhor sangue do novo Irmão da Humanidade fala mais alto que o dele. Nele é encontrado um novo representante e líder, que absolve e liberta. Assassinado como Abel, esse Irmão, no entanto, fala em favor de seus assassinos em vez de contra eles, porque ele, embora inocente, se tornou um deles. Ele se tornou o único que é verdadeiramente deles. E se ele, o Filho do Homem, está por eles, ninguém pode condená-los. A partir de agora, nenhuma acusação tem o poder de impedir que eles se aproximem de Deus.

Esta última frase, sobre "aproximar-se de Deus", é muito significativa. Ela fala da ação que devemos tomar se quisermos encontrar cura. Para uma pessoa, pode significar buscar em oração silenciosa com as mãos estendidas; para outra, correr em direção a ele no sentido de buscá-lo ativamente. Mas certamente não pode significar apenas sentar e esperar que Jesus venha nos curar com um toque mágico! Devemos ter corações expectantes.

O espírito vivo que Deus soprou no homem no início da criação permanece em cada um de nós apenas enquanto buscamos proximidade a ele e aos nossos semelhantes, e apenas se cumprirmos os mandamentos que dão significado a esses relacionamentos: primeiro, "Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento"; e segundo, "Ame o seu próximo como a si mesmo" (Mt 22:37, 39).

Outra parte vital da cura após uma luta com a escuridão é a posição que tomamos em relação a nós mesmos. A atitude que tomamos em relação às flutuações de nossa imaginação, por exemplo, pode influenciar todo o nosso ponto de vista emocional. Obviamente, a pessoa que é agressiva - que é decisiva e vigorosa em lutar contra o que deve ser combatido - estará mais segura da vitória do que aquela que se encolhe com medo ou autoproteção.

Como meu pai indica na passagem acima, a consciência muitas vezes é o nosso "acusador", e com razão. No entanto, uma vez que nos desviamos do peso e nos afastamos do pecado, sua voz deve dar lugar à voz do amor - à voz de Jesus. Assim, Tolstói adverte: "Se raciocinamos sobre o amor, destruímos o amor". Em outras palavras, se desejamos a cura da vontade, devemos ter cuidado para não analisar cada sentimento que passa por nossa mente e destruir a nova liberdade despertando ali.

É inútil se preocupar incessantemente com nossos pequenos corações ou nossos caracteres fracos. Ninguém é puro e bom, exceto Jesus; o dele é o único caráter realmente saudável. Viremos as costas à tentação de Caim, que invejou a proximidade de seu irmão com Deus. Vamos nos tornar como crianças pequenas e encontrar alegria em simplesmente pertencer a Jesus.

Quando, após a vitória inicial sobre o pecado em nossos corações, ainda nos sentimos inseguros, pode

ser um sinal de que ainda não acreditamos profundamente o suficiente. Paulo escreve que se amarmos plenamente, entenderemos como somos plenamente compreendidos (1 Cor 13:8–13). As palavras de João também são importantes: Deus nos amou antes que fôssemos capazes de amá-lo (1 João 4:19). Isso é o que deve entrar em nossos pequenos corações e o que devemos nos apegar: o amor do grande Coração que nos compreende completamente.

Em minha experiência, o caminho para a cura é longo, e em algum momento todos nós teremos que enfrentar decepção e fracasso. Às vezes acontecerá de voltarmos ao pecado que mais temíamos ou que estávamos mais certos de ter conquistado. No entanto, apesar do desespero que se segue, não devemos perder a confiança, pois "aquele que começou a boa obra em vocês a completará até o dia de Cristo Jesus" (Filipenses 1:6).

A dor agonizante e a solidão que Cristo deve ter sentido enquanto estava na cruz são assustadoras demais para imaginar; no entanto, mesmo então ele clamou: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito". Aqui encontramos a coroação da fé. Mesmo o sofrimento mais intenso e os sentimentos de abandono por Deus não poderiam abalar sua fé nele e em nosso Pai: ele entregou seu espírito nas mãos de Deus.

Se quisermos ser curados das feridas feitas pelas artimanhas e flechas de Satanás, devemos encontrar essa mesma confiança inabalável em Deus, de modo que, mesmo que ainda não sintamos nada, sejamos capazes de nos entregar absoluta e sem reservas a ele, com tudo o que somos e temos. No final, tudo o que temos é o nosso pecado. Mas se o colocarmos diante dele como crianças, ele nos dará perdão, purificação e paz de coração; e isso leva a um amor que não pode ser descrito.

16. Purificação

QUANDO ACABAMOS de experimentar o verdadeiro arrependimento e o renascimento, uma consciência limpa e um coração puro são realidades vivas, e a alegria e convicção que eles trazem podem nos sustentar por muitos dias. No entanto, para a maioria das pessoas, as lutas logo recomeçam, e mesmo que sejam novas ou menos intensas - mesmo que não voltemos aos antigos hábitos pecaminosos - sentimos cada vez menos confiança em falar da nossa pureza. Diante desse conhecimento, não é surpresa que muitos cristãos simplesmente desistam de acreditar na possibilidade de uma verdadeira cura e um coração puro.

A pureza é um objetivo prático ou apenas um ideal maravilhoso? Lutando para responder a essa pergunta vital ao longo de muitos anos, sempre volto àquele que nos chama a ter um coração puro em primeiro lugar. Se Jesus - o único homem impecável que já andou na Terra - lutou contra a tentação, quanto entendimento ele deve ter por nossas fraquezas e falhas! No entanto, ele ainda exige de nós: "Sede perfeitos" e nos diz que somente os puros de coração "verão a Deus". A escritora sueca Selma Lagerlöf conta a história de um cavaleiro que, ao acender uma vela no túmulo de Jesus durante uma das Cruzadas, faz um voto de trazer de volta essa chama, não extinta, para sua cidade natal na Itália. Embora

roubado por bandidos e enfrentando todas as calamidades e perigos possíveis em sua jornada, o cavaleiro está determinado em apenas uma coisa: guardar e proteger sua pequena chama. No final da história, vemos como a devoção concentrada transfigura completamente esse cavaleiro: tendo deixado sua casa como um guerreiro implacável, capaz das piores ações, ele retorna como um homem novo.

Se, como esse cavaleiro, fixarmos nosso coração em apenas uma coisa, também podemos ser completamente transfigurados: "Quando ele aparecer, seremos como ele, e o veremos como ele é. Todo aquele que tem essa esperança nele purifica a si mesmo, assim como ele é puro" (1 João 3:2–3). Mas enquanto permanecermos divididos, permaneceremos (citando o livro Innerland de meu pai) também "fracos, frágeis e indolentes; incapazes de aceitar a vontade de Deus, tomar decisões importantes e agir com determinação... A pureza de coração não é nada além da integridade absoluta necessária para superar desejos enfraquecedores."

Antes de descartarmos essa "integridade absoluta" como mais um ideal impossível, vamos ver o que o apóstolo Paulo diz sobre a purificação. Ele dá como certo que sempre teremos argumentos e obstáculos em nossas mentes, e que sempre estaremos sujeitos à tentação. No entanto, ele continua descrevendo nossa luta contra o mal como uma vitória em que cada pensamento é "levado cativo para obedecer a Cristo" (2 Coríntios 10:5). Novamente, a vitória pode não ser facilmente conquistada. Devemos encarar o fato de que a luta é uma guerra total que tem sido travada continuamente desde a queda do homem, e que desde a Ressurreição e a vinda do Espírito Santo no Pentecostes, ela apenas se intensificou. O maravilhoso das palavras de Paulo é sua certeza de que nossos pensamentos podem ser levados cativos para obedecer a Cristo.

Em sua escrita "Sobre o Desapego Interior", Eckhardt nos diz como um coração puro pode se tornar uma realidade para cada um de nós:

Se Deus vai entrar em você, a sua natureza criatural e humana deve sair de você. Pois somente onde essa natureza termina é que Deus começa.

Deus não deseja mais de você do que que você saia de si mesmo, na medida em que você esteja sobrecarregado com a sua natureza humana, e deixe Deus ser Deus em você. A menor imagem que você tem da criatura que você é, é tão grande quanto Deus: ela o afasta de todo o seu Deus. Na medida em que tal imagem entra em você, Deus deve ceder, e na medida em que essa imagem sai, Deus entra.

O amor próprio é a raiz e causa de todo o mal; ele rouba tudo o que é bom e perfeito. Portanto, se a alma quiser conhecer a Deus, ela também deve se esquecer e se perder. Enquanto ela se vê, ela não verá nem conhecerá a Deus. Mas quando ela se perde por amor a Deus e abandona todas as coisas, então ela se encontra novamente em Deus, porque Deus amanhece sobre ela - e somente então a alma se conhece e conhece todas as coisas em Deus...

Aquele que deixa de lado as coisas em sua natureza trivial e incidental as possuirá em sua natureza pura e eterna. Quem as deixou de lado em sua natureza inferior, na qual elas são perecíveis, as receberá

novamente em Deus, em quem elas têm seu verdadeiro ser...

É um sinal inconfundível da luz da graça quando alguém se afasta, de livre vontade, do transitório em direção ao bem supremo - Deus. Uma alma assim não busca fora de si mesma, mas na escola do coração, pois sabe que lá o Espírito Santo lhe ensina as coisas que levam à sua bem-aventurança...

Ela tenta realizar todas as suas obras da forma mais perfeita possível, de acordo com a vontade de Deus... e se esforça sempre para ter uma consciência clara, desprezando as coisas mundanas e amando o sofrimento, para que a graça possa aumentar nela e o desejo maligno da carne diminua.

Quando as pessoas ouvem a palavra "carne", tendem a pensar imediatamente em sua sexualidade, ou talvez em excessos alimentares e de bebida. Mas esse não é o único significado da palavra. Certamente, a imoralidade sexual e a glutonaria são "da carne", mas também o são a autojustiça, a hipocrisia e tudo o mais em nós que é do ego - tudo o que não é de Cristo. Purificação significa pedir a Deus repetidamente ajuda para superar a carne - em particular, o nosso orgulho espiritual. O orgulho é a pior forma da carne, porque não deixa espaço no coração para Deus. Se nos olharmos honestamente, devemos admitir humildemente que cada um de nós precisa diariamente do perdão de Deus. Nossa fraqueza humana não é um obstáculo para o reino de Deus, contanto que não a usemos como desculpa para nossos pecados. Paulo até escreve que "o Senhor se mostrará de maneira mais gloriosa por meio de nossa fraqueza" (2 Coríntios 12:7-9).

No final das contas, a purificação depende de nossa disposição em dedicar nossas vidas a Deus; e quando tropeçarmos ou caírmos, levantarmo-nos e nos dedicarmos novamente. Nunca seremos perfeitos, mas sempre permaneceremos focados em nosso objetivo e daremos tudo o que temos para alcançá-lo:

Não que eu já tenha obtido tudo isso, ou tenha sido aperfeiçoado; mas eu continuo a me esforçar para alcançar aquilo pelo qual Cristo me alcançou... Esquecendo o que está para trás e estendendo-me para o que está à frente, continuo a me esforçar em direção ao objetivo, para ganhar o prêmio para o qual Deus me chamou celestialmente...(Filipenses 3:12-14)

17. A Cruz

Em tudo o que eu disse até agora sobre a luta para superar pensamentos e sentimentos malignos, minha principal preocupação tem sido conduzir o leitor a Cristo e à cruz. Cada um de nós deve encontrar a cruz. Podemos procurar o mundo inteiro, mas não encontraremos perdão dos pecados e libertação dos tormentos em nenhum lugar além disso.

Todo crente sabe que Cristo seguiu o caminho da cruz por nossa causa. Mas não é suficiente apenas saber disso. Ele sofreu em vão, a menos que estejamos dispostos a morrer por ele assim como ele morreu por nós. O caminho de Cristo foi um caminho amargo. Terminou em uma vitória de luz e vida, mas começou na manjedoura de um animal em um estábulo frio e passou por necessidades tremendas:

sofrimento, negação, traição e, finalmente, completa devastação e morte em uma cruz. Se nos chamamos de seus seguidores, devemos estar dispostos a trilhar o mesmo caminho.

Cristo morreu na cruz para quebrar a maldição do mal e vencê-la de uma vez por todas. Se não acreditamos no poder do mal, não podemos compreender isso. Até percebermos que o motivo principal de sua vinda à terra era fazer isso em nosso nome - nos libertar dos poderes das trevas - nunca entenderemos completamente nossa necessidade da cruz.

A imagem de um Salvador doce e gentil, assim como o pensamento de um Deus totalmente amoroso, é certamente maravilhosa, mas é apenas uma pequena parte do quadro. Isso nos isola do verdadeiro poder do seu toque. Cristo conforta e cura, salva e perdoa - sabemos disso; mas não devemos esquecer que ele também julga. Se verdadeiramente o amamos, amaremos tudo nele; não apenas sua compaixão e misericórdia, mas também sua firmeza. É sua firmeza que poda e purifica.

O amor de Cristo não é o amor suave da emoção humana, mas um fogo ardente que limpa e cauteriza. É um amor que exige auto-sacrifício. Meu pai escreve:

A Terra não pode ser conquistada de nenhuma outra maneira além do sacrifício. Satanás não pode ser vencido de nenhuma outra maneira senão através do Cordeiro. Jesus é o sacrifício que, sendo perfeito, triunfou sobre o mal. No amor sacrificial de um cordeiro, Jesus superou o dragão, desarmou Satanás e destruiu suas armas na cruz. Assim, é impossível para Satanás prevalecer, com seus instrumentos de escuridão e morte, contra qualquer pessoa que esteja unida pela fé ao Cristo crucificado.

Aqui vemos que, se a liberdade de Cristo deve tornar-se nossa, devemos ser um com o Cristo crucificado. Sua cruz é o centro, o ponto crucial, da luta entre Deus e Satanás, e como tal, ela deve tornar-se o centro dos nossos corações também. Na cruz sozinha está a vitória! Na cruz sozinha está a pureza! É ali que as hostes do mal são vencidas; é ali que o amor de Cristo por cada ser humano brota eterno e nos concede paz.

A menos que essas verdades vivam em nossos corações - a menos que nos agarrem de forma profundamente pessoal e infundam nosso próprio ser - elas permanecem apenas palavras vazias. Jesus oferece se entregar a cada um de nós na medida em que nos tornamos uma só carne e sangue com Ele. Isso não é uma filosofia, mas alimento real; é vida. Isso mudará tudo para alguém que experimenta, não apenas naquele momento, mas por toda a eternidade.

Quando conhecemos Jesus na profundidade dos nossos corações, começamos a compreender (ainda que em um pequeno grau) o que Ele passou por nossa causa. Como vimos, isso envolve se entregar a Ele

em oração e silêncio, confessar nossos pecados uns aos outros e colocá-los diante da cruz em um espírito de arrependimento. Então Ele nos aceitará e nos dará reconciliação com Deus, uma consciência limpa e um coração puro. Ao nos resgatar da morte interior e nos conceder nova vida, Seu amor por nós transbordará para os nossos próprios corações, dando-nos um grande amor por Ele.

Entretanto, essa jornada não termina aqui. Embora a experiência de purificação pessoal na cruz seja vital, focar apenas nisso seria inútil. O amor de Cristo é tão imenso que deve elevar nossos pensamentos acima das nossas pequenas lutas - e qualquer preocupação com a nossa própria salvação - para que possamos enxergar as necessidades dos outros e, além disso, a grandeza de Deus e Sua Criação. A cruz é muito maior do que o pessoal; ela tem um significado cósmico, pois seu poder abrange toda a Terra e mais do que isso!

Existem segredos que somente Deus conhece, e a crucificação no Gólgota é talvez o maior deles. Em sua Carta aos Colossenses (1:19–20), Paulo fala do mistério dela e diz apenas que Deus se agradou de deixar Sua natureza plena habitar em Jesus e reconciliar consigo tudo na terra e no céu "pelo derramamento do Seu sangue na cruz". Na cruz, então, não apenas a terra, mas também o céu e todos os poderes e principados do mundo angelical serão reconciliados com Deus. Certamente, não nós e talvez nem mesmo os anjos, jamais entenderemos isso completamente. Mas algo sabemos: Cristo venceu a morte, o último inimigo, e através disso, algo aconteceu que continua a ter um poder muito além dos limites do nosso planeta.

18. Vivendo para o Reino

No final das contas, apesar da vontade mais forte, das melhores intenções e do esforço mais intenso e lutas, não podemos fazer nada de bom sem Jesus. Assim como um ramo só pode dar frutos quando está conectado a um tronco ou caule vivo, podemos levar vidas frutíferas apenas na medida em que estamos ligados à Videira, que é Jesus. Contudo, Jesus não se contenta com apenas estarmos ligados a ele.

É verdade, vimos que não é possível reconhecer o significado universal da redenção - o significado da cruz - sem ter experimentado Jesus em nosso coração. Mas se nos contentarmos com essa comunhão pessoal com Jesus e não percebermos a visão maior do Seu plano para nós como partes minúsculas de um universo infinito, teremos reduzido nosso Cristo a um Cristo muito limitado.

Acredito que não seja suficiente apenas reconhecer e amar Jesus como o amigo dos nossos corações, como um Salvador que nos traz comunhão eterna com Deus. Certamente, Ele quer que sejamos preenchidos por algo maior: a visão do grande reino de Seu Pai. Não pode ser o bastante superar um pecado persistente e depois se acomodar complacentemente, pensando: "Venci minha pequena batalha." Posso ser a pessoa mais justa do mundo, moralmente falando, mas se me falta amor e

preocupação pelos outros, meu coração ainda não é puro. Se permito que meu vizinho passe fome quando estou bem alimentado, ainda não superei verdadeiramente o pecado em minha vida. Jesus quer que compartilhemos a injustiça e a necessidade do mundo junto com Ele; que tenhamos fome e sede de justiça para todas as pessoas; que testemunhemos o Seu caminho de amor, justiça e paz - que lutemos com Ele pela construção de uma cidade no monte.

Mais uma vez, nada disso é possível para nós sem a experiência de um novo nascimento pessoal. Não há dúvida de que toda vez que uma pessoa é ganha para Cristo, o poder do pecado e das trevas é quebrado em sua alma, e isso é uma vitória para o reino de Deus. Mas se não formos além de encontros individualmente edificantes com Jesus, estaremos perdendo a grandeza da Sua causa. Meu pai escreve sobre isso a esse respeito:

Complete Cristo e sobre o reino de Deus, uma clareza que fará a minha vida ser parte da vida para o Seu reino.

Talvez seja por isso que somos instruídos a buscar o reino de Deus e a sua justiça em primeiro lugar: para que possamos nos tornar dignos não apenas no sentido de bem-aventurança pessoal, mas como lutadores por seu reino. Vivamos de forma mais intensa na expectativa do Senhor! Se não o esperamos em todos os aspectos de nossa vida, na realidade, não estamos esperando de verdade. Eu me pergunto todos os dias: será que realmente esperei o suficiente, lutei o suficiente, amei o suficiente? Nossa expectativa do reino deve se traduzir em ações.

No final do Sermão da Montanha, Jesus diz: "Todo aquele que ouve as minhas palavras e as pratica é como um homem sábio que construiu sua casa sobre um fundamento de rocha." É ao fazer a vontade de Deus que provamos nossa vontade mais profunda. Não importa quão confusas ou volúveis sejam nossas emoções, o anseio de nosso coração deve permanecer firme: ou teremos fome e sede por Jesus, ou o evitaremos. A diferença é decisiva para cada um de nós por toda a eternidade.

Que coisa poderosa é viver para o reino de Deus! Não recue. Viva por ele, busque-o, e você descobrirá que é tão poderoso que o dominará completamente - resolverá todos os problemas em sua vida e todos os problemas na Terra. Tudo se tornará novo, e cada pessoa amará a próxima em Cristo. Toda separação, pecado, sofrimento, escuridão e morte serão vencidos, e somente o amor reinará.

Sobre o Autor

QUANDO Johann Heinrich Arnold (1913–1982) tinha seis anos, seus pais, Eberhard e Emmy, deixaram sua casa de classe alta em Berlim e se mudaram para Sannerz, uma vila no centro da Alemanha. Lá, com um pequeno círculo de amigos, eles se propuseram a viver em plena comunhão de bens com base em Atos 2 e 4 e no Sermão da Montanha. Foi um período de tremenda agitação. A mesma inquietação pós-guerra que levou seu pai, um editor, teólogo e palestrante conhecido, a dar esse salto de fé, levou milhares de outros a se levantarem contra as rígidas convenções sociais e religiosas da época e a buscarem novas formas de vida. Esses foram os anos formativos de Arnold, e o fluxo constante de

jovens anarquistas, andarilhos, professores, artesãos e pensadores livres que passaram pela pequena comunidade o influenciou profundamente. Todos eles haviam abandonado a hipocrisia de um cristianismo que havia se tornado vazio de significado, e muitos sentiram-se atraídos pela vida de dedicação e alegria que encontraram em Sannerz. Arnold mesmo sentiu o chamado para seguir a Cristo aos onze anos. Mais tarde, como um jovem, ele se comprometeu com a adesão vitalícia à comunidade da igreja, conhecida naquela época como Bruderhof, ou "lugar dos irmãos". Em 1938, ele foi escolhido como "servo da Palavra" (pastor), e de 1962 até sua morte, ele atuou como ancião para o crescente movimento Bruderhof.

O rebanho sob os cuidados de Arnold não era o que se poderia chamar de uma igreja típica, e ele estava longe de ser um pastor no sentido convencional da palavra. Ele não tinha uma personalidade carismática e não possuía treinamento teológico formal. Ele era um verdadeiro Seelsorger, ou "guia espiritual", que se preocupava profundamente com o bem-estar interno e externo das comunidades confiadas a ele. E ele servia seus irmãos e irmãs, em primeiro lugar, como um igual que compartilhava a vida diária de trabalho e lazer, nas refeições comunitárias, reuniões de negócios e serviços de adoração.

Arnold foi chamado a abordar todos os aspectos da vida espiritual, pessoal e comunitária. Mas há um fio visível que percorre tudo o que ele escreveu: Cristo e sua cruz como o centro do universo. Novamente e novamente, ele insiste que sem encontrar pessoalmente Cristo - sem ser confrontado por Sua mensagem de arrependimento e amor - não há possibilidade de uma fé cristã viva.

A centralidade de Cristo em Arnold lhe deu uma coragem incomum para confrontar o pecado. Ele não podia tolerar a indiferença às exigências do Evangelho. Mas assim como ele lutava contra o mal nos outros, ele também lutava contra ele mesmo, e a luta nunca era contra uma pessoa, mas contra o pecado. Às vezes, isso lhe rendia a crítica de ser "emocional" demais, mas como ele mesmo perguntou uma vez, como alguém que ama a Cristo pode ser friamente indiferente quando a honra da igreja está em jogo?

Foi isso também que o capacitou a chamar ao arrependimento de forma tão contundente em alguns momentos: "Estamos prontos para deixar a Palavra de Cristo nos cortar profundamente, ou continuaremos a nos proteger e endurecer contra ela repetidamente? Não percebemos quantas vezes ficamos no caminho de Deus. Mas podemos pedir a ele que nos corte com sua Palavra, mesmo que doa." Com o mesmo vigor e insistência com que ele clamava pelo arrependimento, no entanto, ele também se esforçava pela compaixão e pelo perdão. Se alguém levava a sério a injunção de Jesus de perdoar para ser perdoado e de perdoar setenta vezes sete, era ele.

Como ancião das comunidades Bruderhof, Arnold passava muitas horas lendo, relendo e considerando em oração o conteúdo de uma inundação diária de cartas, e suas respostas ilustravam a humildade com a qual ele respondia. Quando lhe faziam uma pergunta, ele aconselhava, confortava, advertia e até censurava com firmeza, mas nunca criticava ou menosprezava alguém que recorria a ele. E embora centenas de pessoas o procurassem ano após ano, ele sempre as encaminhava adiante - além de sua preocupação com seus pecados ou sua santidade pessoal - em direção a Cristo.

Arnold sabia bem que não tinha todas as respostas. Muitas vezes ele dizia que precisava pensar sobre

um assunto em questão, desejava considerá-lo em oração ou simplesmente sentia que não sabia o que fazer a respeito. Quando solicitado a explicar um verso difícil, uma aparente contradição ou o significado de um trecho misterioso na Bíblia, ele poderia dizer: "Pensei muito nessas palavras, mas não as entendo completamente. Vamos deixar para Deus. Um dia isso nos será revelado" - e ele não tentava fazer uma interpretação. Embora fosse amplamente lido e completamente à vontade no Antigo e no Novo Testamento, ele era um homem cuja educação era a educação do coração, cujo conhecimento era o conhecimento da alma humana e cuja compreensão dos caminhos de Deus nascia de seu amor por Deus, por Jesus e pela igreja.

Mais importante ainda, Arnold era capaz de ouvir: ele ouvia seus irmãos e irmãs, ouvia amigos, estranhos, críticos e, acima de tudo, ouvia a Deus: "Quero ouvir com meu coração interior a voz de Deus falando através da fraternidade. Quero confessar Jesus em nosso tempo. Quero ser pobre... espiritualmente pobre. Quero ser obediente e ir para onde a igreja me enviar e fazer a vontade de Deus". Há muitos aspectos dos escritos de Arnold que poderiam ser considerados com mais profundidade - a influência predominante de seu pai, Eberhard Arnold; dos pastores alemães Johann Christoph e Christoph Friedrich Blumhardt e sua visão do reino como uma realidade presente; ou de Meister Eckhardt, cujo misticismo se reflete na própria inclinação de Arnold para o místico. Há também Dietrich von Hildebrand, Friedrich von Gagern e Charles Baudouin, cujos livros ele lia e se referia com frequência. Todos esses escritores conferem à mensagem de Arnold uma amplitude de visão que não pode ser ignorada - uma visão que eleva nossos olhos da mesquinhez da vida cotidiana para ver realidades maiores que frequentemente negligenciamos. Para usar suas próprias palavras:

Que grande presente seria se pudéssemos ver um pouco da grande visão de Jesus - se pudéssemos enxergar além de nossas vidas limitadas! Certamente nossa visão é muito limitada. Mas pelo menos podemos pedir a ele para nos tirar de nossos mundos pequenos e de nosso egocentrismo, e pelo menos podemos pedir para sentir o desafio da grande colheita que deve ser reunida - a colheita de todas as nações e de todas as pessoas, incluindo as gerações do futuro.